

Um novo PCB prega o poder só pelo voto

Reuniões e burocracia são duas coisas que Roberto Freire detesta. Por isso ficou acertado com seus assessores que tudo o que ele vai dizer e como irá se posicionar diante dos fatos é de responsabilidade do candidato. À assessoria da campanha cabe apenas marcar os compromissos. Reuniões e discussões, só se for realmente necessário.

A campanha de Freire baseou-se em alguns princípios básicos, desde o seu início, em março. Em primeiro lugar, os comunistas sabiam ter um bom candidato, dono de boa dimensão política e com uma boa atuação na Constituinte. Não era preciso moldá-lo, mas apenas sistematizar seu programa de governo e dar agilidade na organização de debates e demais fatos políticos, além de possibilitar sua aparição na mídia. A necessidade de colocá-lo nos espaços dos meios de comunicação de massa era o grande objetivo. Cientes de que não haveria uma simpatia espontânea a Freire na mídia, passou-se a imaginar fatos políticos que possibilitassem sua aparição no vídeo e nos jornais. Assim, o comunista se encontrou com empresários, com padres conservadores, como o cardeal do Rio dom Eugênio Salles, e também com o candidato mais capitalista à Presidência Afif Domingos. "Estamos tentando colocar o Roberto com Mikhail Gorbachev e até com o papa", conta David Emerich, assessor de imprensa em Brasília.

Outro objetivo da campanha era não relacioná-la unicamente com a classe operária. Freire visitou os líderes das centrais sindicais, mas evitou ficar apenas nisso. Dessa forma, quando ocorrem greves de forma exagerada, Luiz Inácio Lula da Silva, do PT, se prejudica, mas não o candidato comunista. Ao mesmo tempo, o PCB buscou uma aproximação com a Igreja, encontrando-se com padres progressistas e conservadores, como o cardeal do Rio.

SEM ILUSÃO

Os comunistas têm plena consciência de que seu candidato não será o próximo presidente da República. E nem apostam nisso. A assessoria de Freire trabalha com uma perspectiva de 4% dos votos para o PCB, o que representa 2,5 milhões de eleitores. Com esse patamar, o partido espera conquistar nas próximas eleições uma bancada de pelo menos dez deputados federais. A partir dessa bancada (atualmente, o PCB tem apenas três deputados) os comunistas pretendem modificar totalmente o partido. O PCB não pregará mais a revolução socialista pelas armas, mas a conquista do poder pelo voto. Também não defenderá mais alianças com forças conservadoras para crescer, por entender que já há uma alternativa que dispensa esses entendimentos. "Deixa, de fato, de ser o partido da clandestinidade para ser uma opção real dentro da democracia brasileira", define Freire. Em seus 67 anos de existência, o PCB só desfrutou da legalidade durante oito anos: de 46 a 50 e, depois, a partir de 85.

